



# Cinema

Ano 1°  
N.º 10

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço  
1.00



Na Capa: — Kate de Nagy e Marc Dentzer, em "A Princesa Encantadora ("Ronny")"

Redactores:

João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bomjardim, 436-3.º  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

— E' você que se chama Matahi, de Bora-Bora? — perguntou o funcionário. — E aquela é Reri, da mesma ilha?

— Sim, senhor.

— E fugiram na noite em que essa Reri acabava de ser consagrada aos deuses?

— Sim, senhor.

— Muito bem, meu rapaz. O negócio é claro. Em nome de Hitú, o feiticeiro do nosso atoll, venho buscar essa jovem.

— O senhor não pode levar-ma! Que lhe importam os negócios doutra ilha?

— Lamento isto, mas Hitú espera Reri; não quero sofrer desgostos por sua causa. Você poderá ficar aqui, continuando a trabalhar por conta da companhia. Não vejo nisso inconveniente. Mas a jovem polinésia que aí está não lhe pertence, reclamam-na os deuses. Não será desgraçada; não a vão castigar; a sua missão será servir os altares!

— Sem dúvida. Mas eu amo-a, e rapta-a para a conservar.

— Não quero entrar nessas considerações. Ou entrega Reri ou a levo à força. Tenho aqui soldados. Porque se não submete? Seria mais inteligente!

Estendia já a mão para a desgraçada, que se agarrava ao seu protector.

Matahi, desesperado, sentia que pesadas lágrimas lhe acudiam às palpebras. Mas dominava-se, não querendo chorar diante dum branco. De repente, veio-lhe uma ideia: acabava de sentir, apertada na tanga, a caixa de fósforos em que tinha a pérola. Se ele se atrevesse...

— Senhor, — disse —, poderia comprar-lhe o perdão de Reri?

O outro pôs-se a rir.

— A ideia não é má, de facto. Simplesmente, permite que te diga, meu pobre rapaz, é uma coisa que nunca poderás conseguir; não serias capaz de arranjar dinheiro que chegasse...

— Bem sei; mas tenho coisa melhor talvez.

Afastando para trás a jovem aterrorizada, ansiosa, Matahi apresenta ao funcionário a pérola única:

— Deixe-me ficar Reri e eu dou-lhe isto. Crieia que nunca direi nada a ninguém.

A pérola, por baixo preço, valia meio milhão.

Perplexo, o homem fê-la saltar na mão, mordeu-a para conhecer a sua luminosidade. E, fazendo-a desaparecer subitamente no bolso do dólman, disse:

— Matahi, vejo que é um homem sensato e a gente pode entender-se consigo. Fique descansado com a sua bela morena. Eu o defenderei!

*Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty*

## "Tabu"

Voltou costas assobiando, e afastou-se. Ganhara o seu dia. Podia quasi pedir a reforma com aquela admirável pechincha. Pouco lhe importavam agora as ameaças de Hitú ou as admoestações do governador.

O feiticeiro, contudo, ficou irritadíssimo quando o administrador lhe disse num tom que não admitia réplica:

— Não quero envolver-me em seus negócios, nem envolver neles o meu país. Sob o ponto de vista administrativo, nada tenho que censurar essa gente, que leva uma vida laboriosa e honesta. Emquanto se não comportarem mal, não terei razão para os expulsar. E ficam mesmo sob a minha protecção.

«Mesmo a companhia das pérolas, que tem Matahi em grande estima, não o deixaria praticar as suas manigâncias.

Desorientado mas não vencido, o feiticeiro, cujo poder desabarla se voltasse de mãos vãs para Bora-Bora, resolveu atacar o espírito ingénuo e crédulo da rapariga.

Tinha nisso tanta maior facilidade, quanto era certo que Matahi se ausentava todos os dias para ir à pesca. Quando Reri estava só na cabana, era-lhe relativamente fácil aproximar-se dela.

Hitú procedeu de maneira prudente e maquiavélica. Primeiro, começou a rondar à volta da casa de bambú. Através dos interstícios da parede, Reri, de feições contraídas pelo medo e alma confusa, via-o errar horas inteiras, murmurando palavras misteriosas! Mesmo de noite, quando Reri, inquieta, despertava em sobressalto, descobria, à claridade do luar, a silhueta branca e pálida do feiticeiro girando lentamente à volta da sua habitação.

Passados alguns dias, Reri sentia os nervos esgotados. Passava o tempo a chorar e a rir sem motivo. Matahi não conseguia perceber o que a atormentava assim. Imaginava, em sua simplicidade, que não tinham que recear malefícios, desde que estavam sob a protecção do «Senhor Branco». Sob o ponto de vista material, era talvez exacto; mas não contava com o ambiente de terror, de pânico mantido por Hitú, com um cuidado horrível, na alma da sua companheira.

Pouco a pouco, Reri sentia escrever nela, não um vago desejo, mas uma necessidade implacável, invencível, de voltar a Bora-Bora, de se por à disposição dos deuses. Visto que a luta não era igual, melhor seria conservar o seu sacrifi-

ciado... E agora que o amor lhe ti ha proporcionado as suas melhores alegrias, tendo esvaziado, nalguns meses, a taça de todas as felicidades permitidas a uma mulher sob o ceu do Sul, era normal curvar a cabeça e comprimir o pesar imenso do seu coração.

9—(Continuação)

Matahi adorava-a, sem dúvida. Mas com a leviandade, a inconstância da sua raça, após algumas semanas de profundo desgosto, recobriria ânimo! Se Reri voltasse para a ilha, e se submetesse, os seus companheiros fariam ao mancebo bom acolhimento. Poderia retomar o seu lugar à margem do lagoou e não voltaria a sofrer a solidão e o exílio. Assim, por caminhos diversos, na alma da jovem ia-se formando e radicando um lancinante desejo de consumir o seu sacrificio, e ganhando em vigor dum dia para o outro, como essas plantas que na terra vão mergulhando raízes cada vez mais profundas!

Voltar para Bora-Bora, seguir o feiticeiro era salvar Matahi da morte precoce que espera os mergulhadores e da tristeza que, cedo ou tarde, nele não deixaria de provocar o exílio. Emfim, por muito forte que fosse, o seu bem-amado deveria sofrer nos ombros o peso da maldição divina. Partindo, Reri aliviava desse peso, dando-lhe dessa forma a força de viver, mesmo longe dela!

Hitú, embora sem ter pronunciado uma palavra, sentia que no coração da jovem se estava efectuando aquela evolução lógica. E, quando julgou chegada a hora, interveio. Uma noite, enquanto Matahi, quebrado de fadiga, dormia na sua palhoça, e Reri, pensativa, reflectia no seu destino futuro, uma seta cortou o ar, vindo cair aos pés da jovem. Trazia presa uma folha arrancada a uma planta gigantesca da floresta. E Reri leu esta frase no inverso da nervura: «Se Reri não voltar para Bora-Bora dentro de três dias, Matahi morrerá.»

Era o ultimatum. E Hitú sabia bem o que fazia. Morrer! Isso a Reri pouco importava. Mas ver sucumbir Matahi — porventura em sofrimentos atrozes — era coisa com que se não podia conformar. Quanto mais não valeria que Matahi a perdesse para sempre! Nas profundidades do santuário onde Hitú não deixaria de a conduzir, oculta aos olhares, conservaria a recordação daquele amante másculo, belo e generoso... Saberá que, longe dela, continuaria a sua vida profunda e doce, nas margens do lagoou côr de absinto. Mas Matahi morto? Tudo daria no mundo para evitar isso!

(Continua.)





Uma interessante cena do magnífico filme "Tabu", o último trabalho de F. W. Murnau. É um super-filme da "Paramount" que Lisboa já viu e que o Porto ainda verá esta temporada

## O Cantinho dum Cinéfilo

Meu caro Artur Coelho — New-York City.

O seu postal, que acabo de receber, veio dar-me o ensejo, esperado ha dois anos, de responder à carta que Você me escreveu a propósito do artigo sobre o novo aspecto do cinema, que eu publiquei no número especial do «Espectáculo», em Janeiro de 1930, e que o Waldemar Gonzaga, da «Cinearte», teve a amabilidade de lhe salientar.

Diz-me Você, agora: «*Afinal you are getting more at ease with the talkies?*»!

Estou como estava, meu caro! Eu escrevi, em Janeiro de 1930: «Ainda que isso pese ao bom camarada Artur Coelho, de Nova-York, e a todos quantos estão directa ou indirectamente interessados na produção das *talkies*, o filme falado 100 %, por melhor que seja o diálogo, por mais variados que sejam os idiomas em que as diversas versões sejam feitas, por mais engraçadinha que seja a voz da Clarinha-a-Boa, ou a da Laurinha La Plante, não terão longa vida, e os inconvenientes que apresentam não chegarão a ser suprimidos completamente, porque os produtores desistirão a meio do trajecto, se não começaram já arrepiando caminho. O que vingará, o que perdurará no futuro, será o cinema sonoro. A sincronização do canto ou da música e de todos os sons ou ruídos, nas actualidades como nos documentários, nas comédias cómicas como nos filmes de envergadura, essa, sim, é que triunfará amplamente. Agora os diálogos, com aquele «dize tu, direi eu», que tem tanto de teatral como de horrível, com aquele fraseado construído forçadamente, com aquela negação absoluta do cinema-Cinema, esses não irão muito longe, porque não devem nem podem ir.»

É claro que, referindo-me ao sonoro, *tout court*, «com a sincronização do canto ou da música e de todos os ruídos», não queria, em idéa, abstrair dos filmes alguns diálogos, os indispensáveis, e só não me referi a eles porque não atingi, de momento, a possibilidade de se fazer filmes falados que não fossem inteiramente dialogados. O que eu pretendia, era pôr em destaque a pouca aceitação que teriam os filmes conversados, «com aquele *dize tu, direi eu*, que tem tanto de teatral como de horrível, com aquele fraseado construído forçadamente, com aquela negação absoluta do cinema-Cinema...»

O que me atemorizava, era a idéa dos filmes assentes nos moldes das representações teatrais, de acção construída por diálogos, películas vivendo da conversa, as quais, forçosamente, haviam de afugentar o público e destruir as esperanças dos

cinéfilos, que já se habituavam a ver no cinema silencioso expressões maravilhosas de arte fílmica.

E os meus temores confirmaram-se bem depressa. Você não imagina o desgosto íntimo que eu senti, quando, em meados de 1930, em Paris e em Berlim, vi uma boa dose de filmes falados, dos tais, daqueles passados entre quatro paredes, com uns sujeitos e umas sujeitas a conversa em muito animadamente numa língua que não era a minha..., filmes como tantos produtores começaram fazendo, sem exclusão — vá lá a franqueza rude! — da «Paramount», e que muitos continuam ainda produzindo.

Suavizaram-me esse desgosto, para deslumbramento da vista e encanto do ouvido, as cine operetas, com as suas *feeries*, música, canções, etc. E depois, fui-me alegrando com «Sob os Telhados de Paris», de René Clair, que Você, de-certo, viu aí, e, logo a seguir, com a afirmação dos grandes dirigentes de que era preciso reduzir o diálogo tanto quanto possível, para imprimir ao fonocinema a técnica do silencioso. Até o vosso Adolph Zukor, afirmando, segundo aí traduziram no «Mensageiro», que de futuro era preciso «mais acção e menos falas», me dava razão, principiando «a arrepiar caminho...»

E então, fiquei satisfeito com o fonocinema. E agora, continuo confiadíssimo nas possibilidades das *talkies*, desde que o diálogo passou para plano secundário, desde que — e deixe-me que só fale na gente lá da vossa casa! — Josef Von Sternberg fez «Marrocos» e «Fatalidade» (esta última só em 5 de Abril se estreará aqui no Porto), desde que Rouben Mamoulian fez «Ruas da Cidade», essa obra formidável que me entusiasmou sobremaneira!

■ ■ ■

Por falar em «Ruas da Cidade»! Sabe que me mordí de inveja com o que me diz da Sylvia Sidney?! Viu-a, então, em pessoa, e achou-a *just as good*? Felizardão!!!

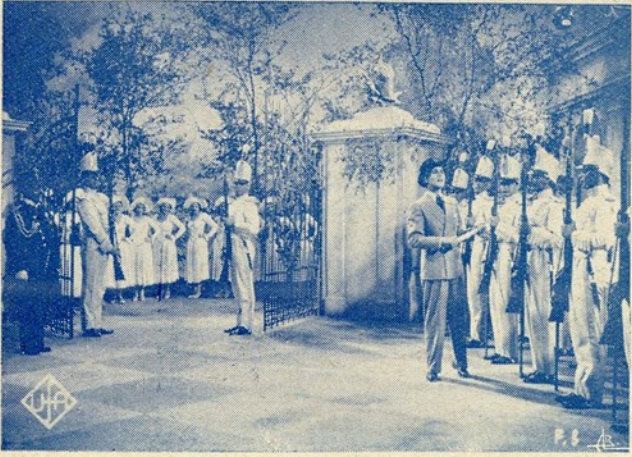
Ha dias, cá na revista, alguém pediu ao Zukor um lugarzinho aí na «Paramount», *nem que fosse* de «general manager», só para estar ao pé da Frances Dee... Pois eu até aceitava um lugar de *office boy* naquelle casarão que Vocês teem na Marathon Street, em Hollywood, só para estar pertinho da Sylvia Sidney!

Se a minha mulher desse licença, é claro!...

Abraça-o o camarada e amigo certo,

ALBERTO ARMANDO PEREIRA.





# A PRINCESA ENCANTADORA

( R O N N Y )

PRINCIPAIS INTERPRETES

Kate de Nagy .....	Ronny
Marc Dantzer .....	O Príncipe de Perusa
Charles Fallot .....	O Ministro de Estado
Gustave Huberbeau .....	O Ministro da Guerra
George Deneubourg .....	O Ministro da Justiça
Fernand Frey .....	O Intendente
Montique Casty .....	Lisa
Guy Sloux .....	Bomboni
Lucien Callamand .....	Antoine
Lucien Baroux .....	O Intendente do Teatro

A jovem Ronny era desenhadora de modas em Viena. Na casa do costureiro em que trabalhava, encarregavam-na de todas as tarefas delicadas, porque era muito habil. Ronny acabava precisamente de fazer as *maquettes* para o guarda-roupa da «Princesa Encantadora», uma opereta que, aliás, fora escrita por um verdadeiro príncipe, Rudolph I, soberano de Anagostie. Ronny esmerara-se, porque ficara fascinada com a partitura da «Princesa Encantadora»; conhecia já de cor os motivos principais da opereta, os quais trauteava sob o olhar reprovador de Antoine, o moço de escritório.

Em Perusa, a comitiva de Rudolph I estava em efervescência. Causava realmente escândalo que o jovem príncipe não houvesse ainda escolhido favorita e se preocupasse mais com a música do que com o amor. Os ministros reuniram em conselho, sem ele saber, e resolveram que a vedeta da «Princesa Encantadora» poderia talvez tornar-se a favorita que mudasse a face das coisas. O intendente geral dirigiu-se, pois, a Paris, com o fim de contratar uma artista cheia de graça e de talento, a qual fosse ao mesmo tempo capaz de seduzir o príncipe e de se pôr à frente dos negócios de Anagostie. O intendente encontrou a ave rara que procurava e regressou, dias depois, de avião, para anunciar a chegada da artista no dia seguinte.

Entretanto, os patrões de Ronny tinham resolvido mandar a jovem desenhadora entregar os modelos em Perusa, na companhia do fiel Antoine. O acesso à capital da Anagostie era fácil, e só uma carangujola morosa, o comboio das quatro horas, estabelecia diariamente comunicação com os países vizinhos. Um comboio das quatro horas chegava regularmente às seis horas à Perusa. Mas, no dia da vinda de Ronny, produziu-se um facto inaudito: o comboio chegou à tabela. Antoine e Ronny, ao desembarcar, viram-se na frente dum grotesco indivíduo que acumulava as funções de chefe da estação com as de lampianista, telegrafista, guarda-bárreira e carregão. Enquanto Antoine tratava das bagagens, Ronny partiu só em busca dum hotel, que aliás era unico na terra. Quando atravessava o parque do castelo, encontrou precisamente o jovem príncipe e perguntou-lhe qual o caminho a seguir. E' claro que ele não lhe revelou a sua identidade, e Ronny, tomando confiança, anunciou-lhe que estava encarregada duma missão astística junto de S. A. Rudolph I.

O príncipe, que se faz passar por um copista de música, acreditou de boa fé em que Ronny era a cantora anunciada. Desembarçou-a galantemente da bolsa de mão, do casaco, do guarda-chuva e ofereceu-se para a acompanhar até o hotel. Pelo caminho, Ronny mostrou-se surpreendida com as atenções que o seu companheiro lhe prodigalizava. Um retrato de sua alteza, exposto na montra duma livraria, abriu, enfim, os olhos de Ronny. Perturbada ao reconhecer o encantador companheiro que a tinha escutado em Perusa, esgueirou-se, deixando-lhe nas mãos o guarda-chuva.

O príncipe voltou para o castelo radiante e felicitou o intendente pela escolha, que fizera, da cantora. O intendente, que acabava de receber um telegrama em que a cantora declarava rescindir o contrato, ficou seriamente embaraçado; mas, passado o primeiro momento de surpresa, foi ao hotel em que se encontravam Antoine e Ronny.

Perguntou à donzela se sabia cantar. Em face da sua resposta afirmativa, consagrou a grande vedeta e contratou-a, dizendo-lhe que tinha de aprender o papel em três dias.

Como Ronny conhecesse já muito bem a partitura da «Princesa Encantadora», aceitou. Passada uma hora, uma caruagem de S. A. Rudolph I ia buscar a nossa heroína para a conduzir à audiência oficial que o protocolo lhe fizera conceder pelo príncipe. Ronny ficou intimidada com o luxo, a faustosidade, a etiqueta e até com o número de salões por onde a obrigavam a passar. Ficando só, por momentos, numa galeria,

resolveu abandonar tudo ali e dar às de vila-diogo. O príncipe, que a viu por uma janela do seu gabinete, correu sem cerimónia atrás dela, agarrou-a e reconduziu-a ao castelo, onde a audiência se prolongou, desta vez, muito além dos limites previstos pelo protocolo.

Momentos depois, aqueles incidentes e a extensão da entrevista ocupavam já a crónica da corte de Anagostie. «Emfim, — diziam os ministros —, temos a nossa Pompadour». E toda a população de Perusa repetia à compita: «Emfim, temos a nossa Pompadour».

Tudo pode acontecer. A *première* de gala da «Princesa Encantadora» constituiu para Ronny um êxito louco. Um êxito tão completo ultrapassava todas as esperanças. Os próprios ministros ficaram delirantes! E, na pressa de escolher uma favorita, foram mesmo excessivamente longe. Ronny recebeu em seu camarim, por onde a multidão desfilava para a felicitar, uma corbelhe de rosas vermelhas e um diamante magnífico, homenagem do autor à sua interprete. O primeiro ministro, portador deste presente principesco e duma condecoração para Antoine, anunciou cingidamente a Ronny o que os altos dignatários da Anagostie esperavam dela.

— Ceará esta noite com o príncipe no castelo de Monbijou, e, uma vez tornada sua favorita, esperamos que se não esqueça dos dignatários a quem é devedora desta inesperada fortuna.

Ficando só, Ronny, indignada, resolveu abandonar imediatamente Perusa e ordenou a Antoine que fizesse os preparativos da partida.

Mas deverá ir, — disse-lhe ele, — despedir-se do príncipe. — Fica entendido, irei despedir-me desse lindo príncipe; e tenha a certeza de que não duvidarei dizer-lhe tudo que sinto.

Ronny dirigiu-se, pois, ao castelo de Monbijou. Ali, na presença do príncipe, arrebatou-se, revelou-lhe quem era, descobriu todas as maquinações de que tinha sido objecto e abandonou a sala, batendo com a porta.

O príncipe estava encantado. Já tinha farejado as escuras combinações e dera ordem para reconduzirem naquela mesma noite à estação a linda cantora.

Mas a indignação virtuosa de Ronny esclarecia-o e transformava agoa os seus sentimentos. Precipitou-se para a gare. Chegaria a tempo de encontrar ainda a donzela? Era ele mesmo que conduzia a caruagem com uma velocidade infernal. Chegou no momento em que o comboio ia partir, e, na plataforma do último vagão, descobriu Ronny, flanqueada pelo inevitável Antoine.

A caranguejola nacional não tinha ainda tomado impulso. Em quatro passadas, o príncipe abeirou-se dela e apoderou-se de Ronny.

Duas sombras enlaçadas deslisam agora, de noite, pela porta entreaberta do parque.

O príncipe e Ronny voltam para o castelo, reconciliados e apaixonados.

## Maurice Chevalier regressa a Hollywood

Maurice Chevalier volta a Hollywood no dia 2 de Março, para começar o novo filme «Love Me Tonight» («Ama-me esta noite»), com Jeanette MacDonald, sob a direcção de Rouben Mamoulian, o realizador de «Ruas da Cidade».

Chevalier declarou, ao descer do comboio, que na sua recente *tournee*, que compreendeu San Francisco, St. Louis, Indianapolis, Columbus, Chicago, Detroit, Boston, Philadelphia, Washington, Baltimore, Newark e New-York, os donos dos teatros lhe disseram que o público está demonstrando ultimamente um maior interesse pelo cinema.





# Correspondência

LOUCO POR JEAN HARLOW:—  
Aí vem este aguçar os apetites, com  
atrizes que a gente ainda não viu! Como  
se não bastassem já as que a gente já  
conhece!...

1.<sup>a</sup> — «Fatalidade» (\*X-27) é o título  
que tem em português o filme «Disho-  
nored», de Marlene Dietrich. Como que-  
ria que se traduzisse? «Deshonrada»?  
Deus nos livre! Cheira-me assim a grave  
crime... e o filme não é nada disso.  
2.<sup>a</sup> — Cá fico esperando pela Jean Har-  
low, que você diz ter visto no estran-  
geiro. Quanto a ela substituir a Sylvia  
Sidney nas preferências do Director, não  
me parece. O mais que pode ser é...  
mais uma para a coleção. 3.<sup>a</sup> — Con-  
tinuamos na mesma no que respeita a  
«Luzes da Cidade». Fôra da barra, nada  
se avista.

Queria então que eu «preguntasse a  
«17 Junhos em flôr» se esses 17 não es-  
tarão já duplicados»? Credo! Isso é lá  
pergunta que se faça?



Maurice Chevalier, o idolo  
das nossas cinéfilas, «sedutor»  
intérprete de  
«O Tenente Sedutor»

MARYVONNE ROELLO:— Desculpe,  
se a julguei do sexo masculino!

1.<sup>a</sup> — «Dixiana», com Bebe Daniels  
não será estreado esta época. 2.<sup>a</sup> — «A  
corrida para a lua» é uma fita da actuali-  
dade, em que Douglas Fairbanks apa-  
rece de casaca e chapéu alto. O título,  
que não acho nada bem, visto que não  
traduz a idéia «reaching for the moon»,  
que quer dizer mais ou menos, «pre-  
tender o que é impossível ou difícil de  
alcançar». Muito embora a Thea von  
Harbou não seja desta opinião. 3.<sup>a</sup> —  
Não senhor, não entra o Tom Mix em  
«Shangai Express». Entram Marlene Die-  
trich e Clive Brook, que fazem os princi-  
pais papeis.

Até à próxima, Maryvonnezinha!

JE T'AIME, ANITA PAGE:— Muito  
obrigado. O sr. Sousa Martins já val

## “Coleção de Sempre..”

Continua em distribuição aos  
portadores das senhas n.ºs 3 e 9

### Mulher que Passa...

primeira obra desta soberba cole-  
ção de romances, cuja aquisi-  
ção “Cinema” faculta aos seus  
leitores quasi de graça.

A senha 10, publicada no pre-  
sente número, é a primeira do  
grupo de 4 que dá direito a  
adquirir, em iguais circumstan-  
cias,

### O Amor Vence,

magnífica obra do notavel ro-  
mancista francês Jules de Gas-  
tayne, traduzida por João Fer-  
nandes, distinto jornalista cuja  
prosa vem ha tempos a esta  
parte abrilhantando as colunas  
de “O Primeiro de Janeiro”.

Os possuidores das senhas 8  
e 9 que não tenham ainda adqui-  
rido

### Mulher que Passa...

deverão colar as referidas se-  
nhas num pequeno rectangulo  
de papel e entrega-las em todas  
as agencias de venda do “Cine-  
ma”, da provincia e ilhas, jun-  
tamente com 1\$50.

No Porto e em Lisboa obte-  
rão este volume apresentando as  
senhas e 1\$20 nas seguintes ca-  
sas, que gentilmente se presta-  
ram a fazer a distribuição:

#### PORTO...

Papelaria A. J. de Almeida — P.  
Guilherme Gomes Fernan-  
des, 60.

Papelaria da Moda. (Almeida &  
Filhos) — Rua de Santa Cata-  
rina, 280.

Tabacaria Central da Trindade  
— Travessa da Trindade, (no  
Edificio do Salão Jardim da  
Trindade).

#### LISBOA...

Agencia Internacional de Livra-  
ria e Publicações, Lda. — R.  
do Crucifixo, 31-2.º

Os senhores assinantes que  
residam em localidades onde o  
“Cinema” não tenha agencias de  
venda podem fazer os seus pedi-  
dos directamente à nossa redac-  
ção, em carta fechada, incluindo  
1\$50. E se o preferirem poderão  
tambem enviar de uma só vez  
Escs. 7\$80, ficando assim habi-  
litados a receber as primeiras 6  
obras, que mensalmente lhes se-  
rão remetidas. Neste caso evi-  
tam despesas de correio e ficam  
dispensados da apresentação de  
senhas.

muito melhor. Mas nem por isso mande  
mais versos, não? Você diz que o A. A. P.  
não tem habilidade nenhuma, porque se  
contentou em ver as atrizes em carne e  
osso? Talvez seja falta de habilidade,  
talvez! Falta de coragem é que não foi.  
Ele quis passar daí, mas aconteceu-lhe  
como à juleia amígo do Jack Buchanan,  
que ia atrás da Jeanette MacDonald, em  
«Monte-Carlo»...

Quanto à pergunta que me faz, con-  
fesso-me incapaz de lhe responder. «Qual  
é a actriz que tem as pernas mais bem  
feitas, entre a Anita, a Marlene, a Joan  
Marsh e a Joan Crawford?» Da Joan  
Marsh, não sei, que nunca a vi no cine-  
ma. De entre as outras três, vou ver pri-  
meiro «Fatalidade», com a Marlene, para  
me certificar melhor...

Ao restante da sua carta, só para de-  
pois. Você pergunta muitas coisas duma  
só vez, e não posso fugir das 3 da praxe.  
Pois se ainda estou aqui à volta com a  
raiz quadrada, por causa daqueles pés,  
libras e polegadas!...

CONDE D'ARTAGNAN:— 1.<sup>a</sup> — Po-  
de ser que Douglas mande o retrato de  
graça, mas, para ter mais probabilidades  
de o receber, é preferível incluir na carta  
25 cents em selos americanos. 2.<sup>a</sup> — Não  
senhor, não fala português. 3.<sup>a</sup> — O me-  
lhor filme mudo, de Douglas Fairbanks?  
Ha dois de que gostei muito, e que nun-  
ca mais esquecerei: «O Sinal do Zorro»  
e «O Ladrão de Bagdad».

MARILAURA:— 1.<sup>a</sup> «Fatalidade» de-  
ve ser estreada no «Trindade», a seguir a  
«A Princesa Encantadora». 2.<sup>a</sup> — Marlene  
Dietrich, Victor MacLaglen, Warner Oland,  
Barry Norton, Gustav Von Seyffertitz e  
Lew Cody são os intérpretes. 3.<sup>a</sup> — Josef  
Von Sternberg realizou.

MANUEL S. RODRIGUES:— Olha  
que esperteza! «Qual o actor ou actriz  
que apareceu mais vezes em filmes fala-  
dos»? Deixe passar o concurso da colega  
«Imagem», que eu depois respondo. Aí  
vão as iniciais, e anda com sorte:  
L. H. e L. F.

VERDE ALFACE:— Eu tambem gos-  
tei muito da «Tragédia da Mina»! Prin-  
cipalmente porque tem muitos bocados  
em português!... Quando o velho cha-  
ma pelo neto «Jorge! Jorge!»; quando  
estão a dançar e pedem «bis, bis», e  
quando dão aquelas gargalhadas, tam-  
bem em português: «Ah! Ah! Ah!»...

50 0/0:— 1.<sup>a</sup> — Não senhor, não ha  
este ano nenhum fonofilme português de  
grande metragem. 2.<sup>a</sup> — O primeiro fil-  
me sonoro que passou no Porto foi «O  
Cantor Louco», no «Odeon». 3.<sup>a</sup> — Supo-  
nho que não. Para ver a cabine do «Trin-  
dade», só com o operador-chefe. Suba as  
escadinhas, pergunte pelo sr. Abel, e se  
êle estiver bem disposto, de-certo que  
lha mostrará. Mas nunca durante a exibi-  
ção de qualquer filme. No segundo in-  
tervalo.

LERO:— 1.<sup>a</sup> — A senha-brinde não  
vai impressa, para não estarem a reta-  
lhar mais a revista. Bem basta a senha  
do «bonus»! E como ha leitores que  
queriam a senha de «bonus» colada em  
vez de impressa, nós, para contentarmos



a todos, fizemos assim: a senha-brinde vai colada e a senha-bonus vai impressa. *Et tout le monde est content...* 2.<sup>a</sup> — O que é feito da «Aleluia»? Eu sei lá, meu caro, eu sei lá! Os cinéfilos de Lisboa ainda tiveram sorte! Mas esta gente dos cinemas cá do Porto embirrou com a fita, e pronto! E nós que ficamos sem ver a obra-prima de Vidor, segundo dizem! 3.<sup>a</sup> — Todos os filmes da época passada dignos de reexibição já o foram, se não estou em erro. É natural, pois, que os cinemas de «reprise» vão passando os filmes que ainda não tiveram reexibição, e são, pois, os desta época. Para a reexibição de alguns, apenas um dia, só lá para o verão.

JACK BENTON: — Ora, porque não hei de poder dar-lhe a direcção da Lillianinha! Pode escrever para a sua residência ou para a «Ufa», respectivamente, Dusselderferstrasse 47, Berlim-Wilmersdorf, e a/c «Universum Film A. G.», Kochstrasse 68, Berlim SW 68. Eu preferia escrever para esta última que é onde ela pára mais tempo. 2.<sup>a</sup> — O dia — 19. O mês — Janeiro. Quanto ao ano, não o dizem as suas biografias. Mas suporho estar entre 1904 e 1906. Sem garantia nem responsabilidade. 3.<sup>a</sup> — Porque razão nas revistas cinematográficas vem tam poucas vezes o retrato da Lillian Harvey? Caramba! Já vejo que lê muito poucas revistas, e as que lê, é só de longe a longe!... Para lhe falar com franqueza, duvido de que lhe mande a fotografia.

PAMPLINAS II: — Este leitor participa a «Je t'aime, Anita Page», que não torna a falar na Anita, sem lhe pedir autorização. 1.<sup>a</sup> — Como, de certo, já viu, a versão sonora de «Ben-Hur» foi aproveitada da muda; isto é, a fita é a mesma, tendo sido feita u na post-sincronização. 2.<sup>a</sup> — Qual é melhor artista. Henry Garat ou Chevalier? Olhe, acusa quarenta! A minha prima mais velha, gosta mais do Chevalier, a mais nova, do Garat. 3.<sup>a</sup> — Tanto Pat e Patachon como Laurel e Hardy teem fitas boas e fitas más. Mas, talvez porque estes últimos teem aparecido mais vezes, tenho a impressão de que as suas fitas são mais engraçadas. Ou não será assim?

J-12: — Diz-me o A. A. P. que os postais custam agora 1\$50 e os maiores, de luxo, 2\$00. Para mais de 50, respectivamente, 1\$20 e 1\$60. A direcção de Lillian Harvey, na resposta a Jack Benton. Eu recebi ha anos umas fotos da Lil'an, assinadas por ela própria, e creio que, se ela estiver na disposição de lhe mandar o retrato autografado, não incubirá dêsse serviço qualquer secretária... A questão é que ela esteja, de facto, com essa disposição. É capaz de receber a sua carta, e começar a cantar, como no «Caminho do Paraíso»:

«C'est depuis toujours,  
Le même discours...»

EMPRESA PRO-CINE, Santarem: — A v/carta veio parar-me às mãos, mas a direcção ou administração lhes escreverá directamente sobre o aparelho sonoro em questão.

EU SEI TUDO.

## CONSTANCE BENNETT, estrêla 100 % americana

Quando Constance Bennett e as suas duas irmãs começaram a sair da infância, o seu pai, «mister» Richard Bennett, — alfaiate, actor de feira, «boxeur» e «barman» —, tratou de lhe dar uma educação extremamente cuidada, primeiro nos Estados Unidos, depois na Europa, nessas «fini h'ng-Schools» onde as jovens americanas não só aprendem a montar a cavalo e a pescar à linha com rara elegância, como também a agradar, a seduzir, — a praticar artisticamente o seu «métier» feroz e delicado de conquistar os homens... E deste modo, Constance tornou-se uma rapariga moderna, instruída nas realidades da nossa pobre existência e decidida a re-

gou que era o fim da carreira artística de Constance, — e, com efeito, não se ouvia falar dela senão para contar anedotas sobre a vida alegre, faustosa e brilhante que levava no velho continente.

Mas um belo dia Constance apareceu de novo em Hollywood, livre e rica: pelo contrato do seu divórcio, Phil Plant tinha-lhe dado a quantia de um milhão de dólares... Mesmo na América, tal quantia não passa despercebida... De mais, Constance aparecia com um prestígio novo, com um encanto muito «rue de la Paix» que bem de-presa a colocou ao lado de Lilyan Tashman na conquista do titulo de «a mulher que se veste melhor em Hollywood», — e tinha na bolsa



clamar ao mundo o lugar que entendia pertencer-lhe.

Ainda não tinha vinte anos quando se casou com um rapaz chamado Chister Moorehead na Universidade de Virginia. Foi o resultado de uma crise de juvenil reumatismo, — mas o papá Bennett não gostou da brincadeira e fez anular aquele casamento... Constance dirigiu-se então para Hollywood, onde bem de-presa começou a dar que falar. Filmou então para a «Metro» «Sally, Irene and Mary», com Joan Crawford e Sally O'Neill, e sob a direcção de Edmund Goulding.

Parecia que Constance iria ter um bonito futuro na vida cinematográfica quando deixou bruscamente Hollywood... Desta vez casou-se com um miljonário, Phil Plant. Toda a gente jul-

um contrato que lhe tinha oferecido o seu novo amigo, o marquês Henry de la Falaise de la Coudray, ex-marido de Gloria Swanson e representante no estrangeiro da casa «Pathé R. K. O.»

Constance Bennett começa o trabalho, único meio de ganhar 25.000 dólares por semana... Nos estúdios Warners o seu salário atinge os 30.000 dólares... Constance tem tudo o que quer...

Para os americanos, e principalmente para as americanas, Constance Bennett representa a mulher ideal, com uma desenvoltura mundana, com o «chic» continental... E depois tem uma segurança financeira adquirida por uma estratégia sagaz, — que faz dela uma «estrêla» 100 % americana...

ADOLFO.



## Uma tese psicológica

Encontramos os seus rostos... antigos... nas páginas de algumas velhas revistas de cinematografia... São rapazes de sorriso contrafeito, raparigas que posavam diante do aparelho fotográfico com emoção e receio... Temos diante de nós antigas fotografias de Jeanne Helbling, de Clara Bow, de André Roanne...

Os anos foram passando... Da «gaucherie» algumas vezes encantadora do «début» vai nascendo uma personalidade, uns curiosos caracteres fisionómicos e psicológicos... Aumentado pelo «gros-plan», afirmado e sublinhado por um papel mais em evidência, um traço do rosto ou da alma é considerado como característico, estereotipado. Um filme, outro e depois air d' outro... Tendo adoptado uma expressão lentamente retocada pela «maquillage», o rosto primitivo modificou-se a ponto de se identificar com o dos personagens encarados no «écran»... Os «tics» nervosos, a marcha, os gestos familiares, primeiramente estudados para representar um papel a bem dizer teatral, tornam-se habituais nos astros,—tornam-se como uma segunda natureza, e muito mais evidente do que a verdadeira... Um pouco mais tarde, toda esta aparência exterior vai lentamente influenciando o carácter, a sensibilidade, os gostos, a alma inteira, enfim... E o actor ou a actriz que conhecemos ha alguns anos não se parece nada com o artista que hoje vemos nas páginas dos «magazines»... Muitas vezes, este retoque, «esta nova «encadernação», estes novos hábitos ganham em encanto, em graça, em expressão... Mas outras vezes...

¿Será o cinema o responsável desta mudança da expressão e da alma dos artistas?

Sem dúvida alguma. E Lew Ayres, a despeito dos seus últimos sucessos, é da nossa opinião.

Quando chegou a Hollywood, Lew Ayres estava cheio de entusiasmo, de esperanças, de alegria... Era confiante, são, másculo, desportivo... Na época presente, o seu rosto tornou-se duro, inflexível,—de uma impassibilidade mórbida. Ele conheceu esta mudança, e sempre que fala da época que precedeu a fonofilmagem de «A Oeste, Nada de Novo» suspira com desgosto:—Era um rapaz novo e divertido nesse tempo...» Lembrem-se agora os leitores que ainda não passaram dois anos sobre estes acontecimentos...

Esta transformação opera-se principalmente entre os actores novos, que ainda trabalham ha pouco tempo no ambiente fregolizante dos grandes estúdios. São uma argila plástica que facilmente se amolda à mais leve influência.

Vejamos alguns exemplos elucidativos.

Vocês lembram-se do começo da carreira de Anita Page? Era uma boneca gentil e alegre, talvez um pouco banal, mas com uma graça leve, um encanto irresistível, um ar desconcertante... Presentemente ela inunda as revistas cinematográficas com fotografias publicitárias picarescas, provocantes... Aparece vestida com casacos de preço nas «prémieres», não se desconcerta sob o sol dos arcos voltaicos nem diante do microfone,—aceita tranquilamente ser o ponto de convergência dos olhares de uma grande sala... Perdeu a sua expressão de rapariga admirada com as belezas do mundo, e o seu olhar é «coquette» e provocante... Os seus cabelos são de um oiro mais fotogénico que autêntico... E' bela, sem dúvida... Muito bela mesmo... Tornou-se assim uma mulher bonita para fotografias de arte,—um perfeito cromo para uma capa de «magazine»...

O mesmo sucedeu com Brigitte Helm... Era uma rapariga nova, uma escuder, que um dia entrou num estúdio... A luz de vários «sunlights» amedrontou-a,—como a feriu a voz brutal de um «régisseur» que a convidou a sair do «set»...

# O cinema modifica os rostos e as almas dos artistas?

Brigitte repontou com uma audácia estupenda nas tímidas,—sem saber que uma «camera» registava em alguns metros de filme os seus gestos... O resultado viu-se: em pouco tempo, a principiante tornou-se uma grande «estrêla» do cinema... E agora vêmo-la transformada em mulher fatal, ondeante, torturando o seu longo corpo flexível em vestidos de fino corte... Tornou-se a «vamp» clássica, com todos os seus ridículos todos os seus exageros de gestos e de

fizeram uma personagem misteriosa e temida, guardando um segredo que ela própria ignora... Esfinge, deusa, mulher-enigma indecifrável, Greta Garbo, prisioneira da personagem que o cinema fabricou, vive só, absolutamente só, pálida, anémica, muito silenciosa, muralhada neste retraimento involuntário onde se colocam as mulheres de lenda às quais emprestou por momentos o seu rosto e de que, em troca, recebeu o seu estranho e fatal destino...

Apostávamos em como poucos leitores diriam que esta rapariguinha que parece uma colegiala é a mesma que vemos em baixo, nem mais nem menos do que a popularíssima Greta Garbo! Esta foto mostra-a acompanhada de Mauritz Stiller, no dia em que chegou a Nova-York, pela primeira vez. Que diferença, entre a Greta Garbo de 1925 e a de 1932!



Casada, feliz, famosa, um dos primeiros nomes do elenco da «M-G-M», a esposa de Douglas Fairbanks Jr., mostra-nos aqui um dos mais recentes retratos, uma Joan Crawford up-to-date.

bem diversa da Joan Crawford de 1925, que vemos aqui, dançarina, follies girl, quando entrou para a «M-G-M», quando se chamava Lucille Le Sueur...

vestuários, e o seu curioso perfil perdeu a delicadeza primitiva...

Joan Crawford, a rainha dos «night-clubs», a dançarina do «charleston» e do «jazz-band», a magnífica «girl» ébria de barulho e de movimento, desbragada, doidivasas,—é cheia de vida e de entusiasmo...

Não será feito dos papeis que tem interpretado nos seus filmes?...

E Navarro, e Gina Manès, e Alice White, e Marlène Dietrich... A todos os artistas sucede a mesma metamorfose maquiavélica... Mas o caso mais típico que tem aparecido no cinema,—este génio do mal que lentamente desagrega as almas e apaga dos rostos as semelhanças antigas,—é o de Greta Garbo... Era uma linda sueca de rosto rosado, de olhar claro e franco, sorridente, simples, alegre,—e de que

Não tenham dúvidas: o cinema modifica os rostos e as almas dos artistas!...

JOSA.

## Novos argumentos para a «M-G-M»

A «Metro-Goldwyn-Mayer» acaba de adquirir os direitos da fonofilmagem das obras de Blasco Ibañez, «A Torrente» e «A Tentadora». De ambas foram feitas ha anos, pela mesma casa, filmes silenciosos, com Greta Garbo como protagonista, mas não se sabe ainda quem interpretará as versões sonoras.

## Anedotas, afirmações e outros assuntos cinematográficos

Em volta de Lewis Stone, o «gentleman» que beija a mão de Greta Garbo, o distinto Lewis Stone da tela e do Hollywood Boulevard, existe um muro de reservas e de polidez... Toda a gente sente este muro de separação, que é talvez devido à sua dignidade, ao sossegado e inconsciente afastamento das suas maneiras. Bater-lhe nas costas e tratá-lo com a familiaridade de camarada de «tu cá, tu lá» é uma coisa que ninguém se atreveria a fazer. Lewis Stone é dos poucos actores a quem chamam «mister» nos estúdios.

Contudo, todos o estimam.

Uma vez... Cá vai a anedota!...

Certo dia um empregado novo do departamento do guarda-roupa dos estúdios entrou no camarim de Lewis Stone carregado de camisas com peitilho engomado, próprias para serem usadas com fatos de cerimónia. Atirou-as para cima de uma cadeira e disse para «mister» Stone as experimentar imediatamente,—e começando a dar conselhos sobre as abotoaduras e as gravatas que deveria usar para aquela cena de banquete.

Lewis Stone ouviu tranquilamente o rapaz. E por fim, disse-lhe:

—«Ouça, meu filho... Apanhe essas camisas e leve-as para onde estavam. Uso sempre as minhas roupas para filmar, e felizmente sei estar como devo em festas de cerimónia... Por isso sei qual a gravata que devo usar...»

O empregado ainda tentou responder, mas notou o olhar de Stone,—o olhar irónico de Lewis Stone... E levou as camisas para o guarda-roupa... Meia hora mais tarde, este empregado dizia aos seus companheiros de trabalho «que «mister» Stone é um homem muito simpático... não é nada altivo nem resmungo como os outros artistas...»

\* \* \*

Diz Pamplinas:

«Conheço vários meios para fazer chorar uma audiência, meios que nunca falham, mas nunca sei se uma coisa fará ou não rir o público.

Encarar a vida é como olhar para um cubo.

Olha-se para o cubo de um modo e ver-se-á só um lado; olha-se segundo uma aresta, e veem-se dois lados; olhando-se para o ângulo ver-se-ão dois lados, a frente e o topo. Devemos encarar a vida do mesmo modo... Todas as pessoas tem algo de bom e de mau, assim como todo o sucesso tem algo de trágico e de cómico. Não se póde excluir um do outro sem falsear o sucesso.

Marie Dressler, por exemplo, interpretando um papel trágico, sabe comover profundamente. Porque? Porque ela é a maior das artistas cómicas do mundo. Toda a sua filosofia é baseada no que ha de ridículo na vida. Uma gargalhada dá-lhe o poder de penetrar nos segredos da natureza humana. E' esta a razão por que Marie Dressler representa tam naturalmente todos os seus papeis.

Vendo Greta Garbo interpretando na tela com todo o seu ardor dramático, quem pensa que ela fez a sua estreia numa comédia em duas partes, na Suécia? Greta Garbo encontra na sua própria vida muitas coisas dignas de boas gargalhadas: conhece que o humor é a alma do artista.

A verdade é esta: contemplando as nossas atribuições demasiado perto, perdemos o nosso sentido de perspectiva e analisamos bem. Só quando nos afastamos um pouco é que percebemos o que nelas ha de ridículo. E' o mesmo que sucede quando se coloca uma máquina a dois dedos de distância da cara do actor: só se veem os olhos ou uma fiada de dentes, quando na verdade ha muito mais que examinar.»

\* \* \*

Com o aperfeiçoamento do cinema sonoro os directores ci-





Marlene Dietrich e Victor MacLaglen, numa cena de "Fatalidade" ("X 27"), fonofilme de Josef von Sternberg para a "Paramount", que tem obtido o maior sucesso no estrangeiro, e que ha 8 semanas se exhibe no "Miracles", de Paris

nematográficos não dão as suas instruções aos actores pelo megafone. Antigamente diziam:

— «Um pouco para a direita!... Com maior ênfase... Olhe bem de frente...»

Tudo isto desapareceu. Hoje em dia, os directores apenas podem usar sinais quando a câmara começa a trabalhar e os aparelhos reprodutores do som funcionam.

Foi, pois, necessário inventar diversos sinais silenciosos para os directores dirigirem os actores.

Quando algum actor está do lado de uma porta aguardando o momento de entrar, usa-se geralmente um sinal luminoso. O director observa os movimentos dos outros actores dentro da habitação, e quando chega o momento preciso aperta o botão que faz acender uma lâmpada, para que o actor em questão faça a sua entrada em cena.

Este sistema de luzes é usado sempre que o actor possa ver a luz e esta fique fora do alcance da máquina cinematográfica.

Antes da filmagem da película, os actores ensaiam cada movimento e cada frase do dialogo com o director, e só quando tudo está perfeito é que entram as luzes e as «cameras» em acção. No tempo dos filmes silenciosos, os ensaios eram muito superficiais e o director explicava aos actores o que deviam fazer conforme se ia desenrolando a acção da película.

Actualmente mudaram por completo os métodos de dirigir, sendo duplicado ou triplicado o trabalho. Nos cenários pode-se notar esta diferença: nos tempos dos filmes silenciosos, os actores descansavam nos intervalos da filmagem; agora os artistas aproveitam estas folgas para tornar a ensaiar o seu papel ou andar de um lado para o outro a decorar os diálogos.

### Efemérides da semana

26 de Março a 1 de Abril

- Março 26 (1931) — E' estreada em Berlim a fita «Luzes da Cidade», de Chaplin.
- 27 (1919) — «A Tosca», com Francesca Bertini e Gustavo Serena, tem a sua primeira exhibição no (Olimpia), de Lisboa.
- 28 (1920) — Mary Pickford casa com Douglas Fairbanks.
- 29 (1891) — Nasce em Columbus, Ohio, o actor Warner Baxter.
- 31 (1896) — Nasce em Kisvarda, na Hungria, o actor Victor Varconi.
- Abril 1 (1883) — Nasce em Colorado Springs, Col., o actor Lon Chaney.

## Dentro

«Grand Hotel», o super-filme que a «M-G-M» terminou há pouco, com Greta Garbo, Joan Crawford, Lew Cody, Lionel Barrymore, etc., deve ter a sua estreia no «Astor», de Nova-York, na primeira semana de Abril.

Carl Th. Dreyer, o famoso realizador de «A Paixão de Juana d'Arc», está fazendo para a casa alemã «Conti-Film», um filme de fantasia intitulado «Vampyr».

O novo filme de Anny Ondra, «L'Amie Cruelle», que vai ser produzido em Viena, por colaboração entre a «Osso» e a «Lothar Stark», passa-se num circo, e é dirigido por Karl Lamac.

O titulo da fita «L'Enfant du Miracle», que D. B. Maurice está produzindo nos estúdios «Eclair» d'Epinau, para a «Verba Films», foi alterado para «Chassé-Croisé». Blanche Montel, Armand Bernard e Marcel Vallée são os principais intérpretes.

Nos estúdios da «Tobis», em Epinau, a «Fox» vai proceder à sonorização e vocalização em francês (dubbing) de vários filmes americanos.

Saint-Granier principiou filmando nos estúdios da «Paramount» em França uma comédia com o titulo «Criez-le sur les toits», sob a direcção de Harel Anton.

Joan Crawford começou já interpretando a sua nova película para a «M-G-M», «Letty Lynton», com Robert Montgomery e Nils Asther, sob a direcção de Clarence Brown.

Greta Garbo lá começou interpretando «As You Desire Me», de Pirandello, sob a direcção de George Fitzmaurice.

A «Paramount» emprestou Frances Dee à «First National» para a primeira figura feminina de «Love is a Racket», com Douglas Fairbanks Jr.

O cinema «The Park Central», de Nova-York, exhibiu em princípios de Março, num só programa os filmes «A Rua sem Sol» e «Mata Hari», respectivamente um dos primeiros e um dos últimos filmes de Greta Garbo.

Parece que Ernst Lubitsch, por intermédio dos seus advogados, está tratando de negociar um novo contrato com a «Paramount».

A recente fita de Warner Baxter «Scotch Valley», para a «Fox», passou a chamar-se «Bachelor's Affairs» («Negócios de Solteiros»).

## e Fóra dos Estudios

Marian Marsh, que devia começar interpretando um dos papeis de «Street of Women» («Rua de Mulheres»), para a «First National», foi atacada de pleurisia, motivo por que foi substituída por Gloria Stuart.

Betty Bronson, de quem temos visto esta semana em «Ben-Hur», a magnífica composição da figura de Virgem Maria,

### «Quick», outra fita de Lilian Harvey

Ainda ha pouco terminou «Dois Corações a Compasso», e já Lilian Harvey está interpretando para a «Ufa» uma nova fita, «Quick», nas versões alemã e francesa. Esta última tem como primeiro actor Jules Berry, e outros papeis Armand Bernard, Marcel André, Pierre Brasseur e Paulette Goddard. O realizador é Robert Siodmak.

casou ha pouco em Hollywood com Ludwig Lauerhass, de Ashville.

Lee Garmes, um dos melhores fotógrafos americanos, desde ha muito tempo na «Paramount», a quem devemos a fotografia de «Ruas da Cidade», «Marrocos», «Os Civilizadores», e de quem veremos brevemente «Fatalidade», e que ha pouco terminou «Shanghai Express», acaba de ser contratado pela «Fox».

Douglas Fairbanks e a sua troupe já chegaram a Papeete, Tahiti, tendo já começado a filmagem da sua nova fita

«Tropical Knight» («Cavaleiro dos Trópicos»), uma história dum moderno Robinson Crusoe.

Deve chegar ainda este mês a Paris, vindo de Singapura o actor Richard Dix.

Nos estúdios «Eclair», de Epinau, a título de experiência para «La Rafale», de Henry Bernstein, foi registada uma cena daquela película, sob a direcção de Augusto Génina, com Marie Bell e Yvonne.

Gaston Roudés vai fazer um fonofilme tirado de «O Garoto de Paris», da comédia dramática de Bayard e Vanderbilt.

Tom Moore foi contratado pela «Peerless Production», para primeiro actor de «The Warning Shadow» («A Sombra avizadora»), com Dita Parlo como primeira actriz. O filme foi começado em 14 de Março, nos estúdios da «Metropolitan», em Nova-York.

Tem feito grande sucesso na Alemanha o recente filme-opereta da «Ufa», «Dois Corações a Compasso», com Lilian Harvey.

No dia 10 do corrente, às 10 horas da manhã, chegaram a Berlim os conhecidos artistas dinamarqueses Pat e Patachen, a fim de assistirem à estreia da sua nova fita «Knall und Fall», que se estreou no «Primus-Palasta».

Jan Kiepura, o famoso tenor que vimos em «A Cidade do Canto», terminou ha pouco para a «Ufa» a fita «Das Lied einer Nacht» («A canção duma noite»).

De regresso de Inglaterra, chegou a Hollywood, no dia 9 do corrente, o actor Clive Brook.

## NEM NO MÉXICO QUEREM EISENSTEIN!

O conhecido realizador russo Serge M. Eisenstein, que ha pouco pretendia entrar nos Estados-Unidos, viu-se forçado a retirar para o México, em virtude de as autoridades americanas não consentirem a sua entrada em território americano.

Eisenstein, que ha já muitos meses tem estado no México, acaba de ser avisado pelo governo mexicano que tem de deixar o país logo que termine o praso do seu bilhete de turista, ampliado por mais 8 dias.



Esta amazona é PEGGY SHANNON, a nova actriz que a «Paramount» contratou, para substituir a Clara Bow. Sem desprimor para a nossa Clarinha, parece-nos que a «Paramount» não perdeu com a troca.

O' Peggy, vamos brincar aos cavalinhos?



# Amôr, o Sentimental, — rei do “écran”...

**A**té que os lábios, numa algazarra científica, demonstrem matematicamente o contrário, nós continuamos muito sossegadamente a dizer que a nossa humanidade idiota não encontrou outra coisa melhor e mais útil para a sua continuidade, nem melhor para o adoçamento da terrestre vida do que o amôr... Com o amôr, o caminho da vida, miserável e doloroso, transforma-se num «Caminho do Paraíso» agradável, delicioso, cheio de mil venturas...

No cinema, — o cinema é a cópia da vida —, succede o mesmo: — Amôr, o Sentimental, é o rei do «écran»...

Não é um rei barrigudo e irónico, um rei de opereta, cómico desageitado... No cinema o amôr é sempre uma coisa séria, capaz de todos os sacrifícios, — dos maiores sacrifícios... Os espectadores que se mostram comodamente sentados numa fôfa cadeira é que nem sempre teem uma opinião sincera e desinteressada quando no «écran» o amôr é rei...

Quando, depois de um segundo de silêncio impressionante aparecem no «écran» em plano aproximado Greta Garbo e John Gilbert, Janet Gaynor e Charles Farrell, Marie Glory e Jean Murat,



Janet Gaynor e Charles Farrell continuam sendo o par mais querido na América, e seriam, também, o mais popular da Europa...

Lilian Harvey e Henry Garat, — estes pares, depois de abundantes provas, foram consagrados à posteridade sentimental e amorosa... —, quais são as sensações íntimas e reflexões mais ou menos aparentes dos espectadores presentes?

Como aqui a questão é de amôr, é lógico e conveniente ouvirmos primeiro os amorosos...

Para estes, a imagem é toda felicidade, toda «sonhos cor-de-rosa»... Sorriem com extase... E muitas vezes olham um para o outro, — sonhando talvez que estão a representar aquela mesma cena...

Em antítese dos amorosos, ha os que não o são... Esta categoria especial de espectadores vê sem interesse algum uma cena amorosa, um beijo, — cenas mais imponderáveis que o «azur» que vibra... Podemos dizer que estes espectadores estão providos da maior quantidade de esperteza e perfeição que é necessário existir na nossa trepídante época.

Outros espectadores, que se sentam na sua cadeira mal humorados, — efeito de uma má digestão... —, falam sòzinhos quando a cena é empolgante... «Meu Deus!... Esta história não tem graça nenhuma... Que ar estúpido que os actores teem!»... E os



... se não houvesse, dêste lado do Atlântico, Lilian Harvey e Henry Garat.

Esta foto mostra-nos o Henry Garat fingindo que está zangado (pode lá ser a sério!) com a Lilian Harvey, numa cena de «Dois Corações a Compasso», que William Thiele acaba de dirigir para a «Ufa».





M O N I Q U E C A S T Y

é desconhecida dos nossos cinéfilos. Por pouco tempo.  
Vão vê-la dentro em breve, em "A Princesa Encantadora" ("Ronny") na segunda  
figura feminina, ao lado de Kate de Nagy. Que tal?



actores são o Henry Garat e a Lilyan Harvey!...

«Que heresias», dirá do lado um apaixonado Lilyanófilo... E o «Eu Sei Tudo» terá de dar a sua opinião autorizada sobre aquela «blasfémia»...

Henry Garat e Lilyan Harvey são, realmente, os amorosos-tipo, — uns amorosos simpáticos, sem efusões lamechas e piegas...

Quando se beijam, as plateias tremem de emoção mal contida... A inveja aparece nos olhos de algumas meninas cinéfilas, — que também dariam algumas moedas para serem beijadas pelo zar de todas as Rússias, pelo Henry Garat...

E' o apetite dos beijos... E a Lilyan, também terá este «apetite» dos beijos do Garat quando está fóra dos estúdios?... Vamos perguntar ao nosso correspondente em Berlim... Num dos próximos números saberão os leitores a opinião da Lilyanzinha...

### Nova cinema da "Ufa", em Nova York

Em virtude de ter encerrado o «Cosmopolitan», a «Ufa» passa a ter as estreias dos seus filmes no «Little Carnegie». A primeira exhibição efectuou-se no dia 15 do corrente, com a estreia do filme «Sturme der Leidenschaft» («Traição»), com Emil Jannings, exhibido com o título «Tempest».

### Nesta semana fazem anos:

De 27 de Março a 1 de Abril

- Março 27 — Gloria Swanson (34).  
27 — André de Beranger (37).  
29 — Warner Baxter (41).  
30 — Anna Q. Nilsson.  
31 — Victor Varconi (36).  
31 — John Harron (29).  
Abril 1 — Nita Naldi (33).  
1 — Wallace Beery.  
1 — Dorothy Revier.

### «Invicta-Cine»

Completo ha dias o 10.º aniversário deste nosso colega, dirigido ininterruptamente por Roberto Lino, a quem apresentamos, bem como a todos os camaradas lá da revista, as nossas felicitações.

### «O Congresso que Dança», em Nova York

«O Congresso que Dança», da «Ufa», com Lilian Harvey, é distribuído na América pela «United Artists». Com título diferente, será estreado no «Rivoli» ou no «Rialto», de Nova York, em fins de Abril.

# Pelos nossos Cinemas

**NOITES DE VENEZA** (Nuits de Vénise): — Aqui está um filme desprezível, que todo o espectador recebe com agrado. Robert Wiene, com o auxílio de Pierre Billon nesta versão francesa, fizeram uma comédia interessante, se não sob o ponto de vista essencialmente cinematográfico, pelo menos sob o aspecto de entretenimento, onde o diálogo, se bem que abundante, não fatiga e encerra frases de grande espírito que mantem o público em permanente sorriso — o público que conhece francês — sobretudo quando essas frases são proferidas por Roger Tréville, um excelente actor, espécie de William Haines francês, de magnífica dição, muita naturalidade e inteligência de expressões.

Janine Guise não parece muito à vontade na primeira personagem feminina. Diz com certa intenção, mas reconhece-se-lhe preocupação quando canta, ou quando enfrenta a objectiva, em plano aproximado. Lucien Callamand, exce-



lente na figura cómica do criado. Maxudian... aparece apenas como ponto de apoio para o desfecho, cordelinho de que não era necessário fazer uso.

«Noites de Veneza», a despeito de não ter preocupações técnicas, mostra que o cenário foi escrito e conduzido com certa competência cinegráfica, porque, em quasi toda a narrativa, há movimentação, não são os diálogos que encerram o valor da história, e Veneza foi bem aproveitada, apenas como fundo, que não para tornar o filme uma série de bilhetes postais da linda cidade italiana.

Por isso, «Noites de Veneza», não sendo uma super-produção, é um filme simpático, que se vê agradavelmente.

Realizador: Robert Wiene, com a cooperação de Pierre Billon. Autor musical: Niédermayer. Canções de Léo Lelièvre Fils. Interpretes: Janine Leclair, Janine Guise; Jacques Darmon, Roger Tréville; Williams, Lucien Callamand; o Barão, Maxudian; Madame Meyer, Germaine Noizet; O amigo de Jacques, Pierre Nay.

Produzida em 1931 pela «Sofar». Programa Castelo Lopes Ltda. Estreada no «Agua d'Ouro» em 21 Março 1932.

Como documentário português a abrir o programa, exhibiu o «Agua d'Ouro» o n.º 5 de «O Século Cinematográfico», referente à Viagem Presidencial ao Norte.

Acho muito boa a iniciativa de «O Século», apenas me parece deslocada a produção de actualidades silenciosas, em 1932, quando o fonocinema é senhor das principais salas de todo o mundo, agora, que o silencio o está posto de parte em todos os centros produtores.

Habituaos como estamos a ouvir no «Fox Movietone News», no «Hearst Metrotone», no «Eclair» ou no «Pathé-Journal» a reprodução de todos os ruídos, todas as músicas, todas as falas das cenas filmadas (deixem-me passar em claro a batóninha que elles fazem frequentemente), não sei o que parece a exhibição de actualidades portuguesas desprovidas de som, dos sons riais dos factos apresentados, por melhor que seja a adaptação que se lhes faça por meio de discos.

E é verdadeiramente apreciável a que o operador Vilas, do «Agua d'Ouro» fez a «O Século Cinematográfico n.º 5». Demonstra compreensão, espirito cuidadoso, inteligência. Apreciável a adaptação, mas forçosamente incompleta. E como é materialmente impossível faz-la perfeita, talvez fosse preferível exhibir tais filmes silenciosamente. Se se consegue dar a ilusão da marcha dos comboios, das músicas tocadas pelas bandas, do fragor do mar contra os rochedos, não se pode evitar a igualdade das manifestações populares, nem se consegue fazer ouvir as bombas dos foguetes, as salvas de artilharia, nem os discursos dos oradores ou as palmas que os aplaudem.

Afóra isso, «O Século Cinematográfico n.º 5» apresenta-se como documentário de interesse, cheio de oportunidade, de magnifico trabalho fotografico, este devido ao saber de Anibal Contreiras, com a cooperação (dizem-mo aqui ao lado, que o filme não lhe faz a menor referencia) do portuense Adolfo Quaresma.

E felicitando «O Século» por tal iniciativa, fico esperando que, dentro em breve, os seus documentários portugueses abram pela seguinte legenda: «Actualidades Sonoras de «O Século», pois segundo me informam, este jornal já está tratando da aquisição duma instalação para a filmagem sonora.

Assim, sim!

**BEN-HUR** (Ben-Hur): — O «Ben-Hur» de hoje é o mesmo de há anos, que a «Metro-Goldwyn-Mayer» produziu. Agora, porém, a colaboração sonora aparece a valorizá-lo.

E' pena que a sonorização fosse feita apenas parcialmente, deixando de acompanhar rigorosamente todas as cenas, todos os quadros, onde somente era licito que o diálogo fosse suprimido. No entanto, mesmo assim «Ben-Hur» ganha relêvo com os sons que lhe introduziram, principalmente na batalha naval e na corrida das quadrigas — esta última,



maravilha cinematográfica que não me canso nunca de vêr.

Esta formidável produção da «M-G-M», cuja crítica já está feita há muito, continua sendo, através dos anos, um grande filme, que difficilmente será superado. E ainda hoje eu sigo apreciando a direcção potente de Fred Niblo para o domínio daquelas massas, a beleza da composição de certos quadros, como o dos Reis Magos guiados pela estrêla de Bethlem, o grande plano de Betty Bronson na Virgem Maria, os do combate naval, do circo monumental de Antiochia e a corrida a que já me referi, a subida para o Calvário, etc.

«Ben Hur», sejam quais forem as mo-



dificações que se verifiquem no Cinema, perdurará como uma das mais grandiosas realizações de todos os tempos.

Autor: General Lew Wallace. Cenaristas: Carey Wilson, June Marthis e Bess Meredith. Decoradores: Cedric Gibbons e Horace Jackson. Vestuários de Theaterkunst J. Kaufmann, Berlim. Fotógrafos: René Guissart, Karl Struss, Percy Hilburn e Clyde De Vinna. Realizador: Fred Niblo. Intérpretes: *Ben-Hur*, Ramon Novarro; *Messala*, Francis X. Buchman; *Esther*, May Mac-Avoy; *Virgem Maria*, Betty Bronson; *Princesa de Hur*, Mãe de Ben, Claire McDowell; *Tirzah*, Kathleen Key; *Iras*, Carmel Myers; *Simonides*, Nigel de Brulier; *Sheik Ilderim*, Mitchell Lewis; *Arrius*, Frank Currier; *Balthasar*, Charles Belcher; *José*, Winter Hal.

Produzida em 1924-5-6 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada (versão sonora) no «Trindade» em 22 Março 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Incontestavelmente o  
melhor receptor é o

**M E N D E**

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

**B A T A L H A**

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Estreia no Pôrto da super-produção «M-G-M»

**O V I K I N G**

Uma película extraordinária, de grande luxo, toda em  
tecnicolorido, com os excelentes artistas  
PAULINE STARKE e DONALD CRISP

O UNICO FILME QUE RIVALIZA COM «BEN-HUR»

A 1 DE ABRIL

**M A T O U !**

Filme policial de grande categoria, realizado por FRITZ LANG

**PREÇOS POPULARES**

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

**N.º 10**

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE—Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 31 do 3/ e 2 do 4/  
OLYMPIA—Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 31 do 3/ e 2 do 4/  
PASSOS—Matinée de Quinta-feira, 31 de Março  
BATALHA—Matinée de Quinta-feira, 31 de Março  
CINE-ODEON—Soirée de Sábado, 2 de Abril

C  
I  
N  
E  
M  
A  
15



# Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos,

**apresentará brevemente:**

## Com o Fogo não se Brinca

Magnifica comédia em francês, com  
ALICE COCÉA e ANDRÉ ROANNE



## A Mulher duma Noite

Realização de Marcel L'Herbier, o primeiro  
fonofilme de FRANCESCA BÉRTINI



## O Rei da Banda

Super-produção falada e cantada em  
francês, a ultima criação do popular  
actor GEORGES MILTON

**e segue...**